



GEBAUER, Gunter. **O pensamento antropológico de Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2013.

Léo Peruzzo Júnior^[a], Valdir Borges^[b]

^[a] Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e do Centro Universitário Franciscano do Paraná (FAE), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: leo.junior@pucpr.br

^[b] Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: valdirb@hotmail.com

Voltado para uma concepção antropológica sobre a obra de Wittgenstein, Gunter Gebauer, professor de Filosofia e Sociologia do Esporte na Universidade Livre de Berlim desde 1978, apresenta como tese de sua obra, *O pensamento antropológico de Wittgenstein*, aquilo que teria destruído a teoria da afiguração do *Tractatus*. Gebauer toma como ponto de partida a intitulada “virada antropológica” de Wittgenstein, que teria ocorrido entre 1929 e 1931. Além de um projeto audacioso sobre os limites da linguagem, o filósofo vienense mostraria um estilo novo de pensar presente no próprio estilo de escrita pois, em Wittgenstein, “vida e filosofia são como a frente e o verso de suas folhas manuscritas, *recto e verso*. A reflexão filosófica é parte de sua vida” (GEBAUER, 2013, p. 14).

O texto de Gebauer, com dinamismo filosófico, pretende perpassar a obra de Wittgenstein em seu conjunto, desde a perspectiva da linguagem envolta na práxis do referido filósofo, passando pela concepção

de mundo até voltar-se ao pensamento antropológico presente nas entrelinhas dos manuscritos wittgensteinianos. Podemos captar o pensamento antropológico de Wittgenstein ao tentar captar os gestos como o uso do corpo, o método da operacionalização do emprego da linguagem como expressão do corpo entendida pela coletividade como uma aprender a fazer no cotidiano da vida. Além disso, a corporeidade presencializa o ser humano, especialmente naquilo que tange às suas relações essenciais, dentre as quais estão os gestos e os símbolos. O ser humano, além de ser um ser de relações, é um ser simbólico, ou seja, de uma realidade conhecida, imanente, chega a uma realidade transcendente, desconhecida. E transcendência e relação são as duas categorias fundamentais do ser humano que, juntamente às suas estruturas fundamentais — corpo, alma e espírito —, constituem a totalidade de sua dimensão antropológica. Nesse sentido, Gebauer é enfático ao provocar o leitor agregando uma nova compreensão gramatical que subjaz aos gestos, buscando elucidar o *mostrar wittgensteiniano*. Sobrepõem-se aos gestos uma verdadeira gramática corporal que ultrapassa a teoria figurativa do *Tractatus*, uma vez que Wittgenstein não busca mais uma forma geral da proposição. Na filosofia tardia, o autor vienense se remete à busca da contextualização dos gestos no espaço coletivo dos jogos de linguagem, perfazendo um itinerário filosófico que abre espaço para a hermenêutica expressa nos gestos linguísticos.

Desta forma, o autor tenta decifrar as intenções e perspectivas subjacentes aos jogos de linguagem, elucidando, assim, a gramática dos referidos jogos. Nesses jogos, existe uma intenção peculiar e uma produtividade da ação linguística, tornando necessário o aparecimento do eu cognoscente como limite do mundo. Esse elemento que já havia sido enunciado no *Tractatus*, agora, é explicado especialmente nas *Investigações Filosóficas*. “O posicionamento de Wittgenstein a partir de *Investigações* corresponde a uma simplificação e esclarecimento dos emaranhados filosóficos, partindo da análise da linguagem ordinária, que passa a ser vista independente de uma estrutura apenas de cunho sintático e semântico” (PERUZZO Jr., 2011, p. 49). Por isso, a linguagem não é um modelo uniforme como expressa Agostinho, mas está aberta para a produtividade que aparece a partir das relações humanas

vividas ou experienciadas na conexão com o mundo. É nele que se dá a concordância entre os diversos jogadores que se dispõem a praticar o jogo. Mas, como esses jogadores mantêm concordância entre si? Tal pergunta pode ser respondida porque, segundo Gebauer, Wittgenstein apela para a necessidade de autorreferencialidade advinda do papel das regras. Elas são responsáveis por orientar o comportamento e garantir a normatividade do discurso de nossa gramática superficial e profunda.

Segundo Gebauer (2013, p. 171),

no jogo de linguagem, aos jogadores são atribuídos dois tipos de posições. Há o eu, que inicia um jogo e define qual jogo é jogado: quais são seu tema e sua estrutura. Em relação a ele, os cojogadores, se encontram no papel da pessoa abordada, você, que recebe as contribuições do eu, responde, comenta e eventualmente as corrige. [...] O modelo de jogo de Wittgenstein delinea a distribuição das posições do jogo como um processo dinâmico; cada cojogador pode, por princípio, assumir o papel do fazedor do jogo. Contanto que o jogo seja igualitário [...].

Ou seja, no jogo de linguagem, além de haver autocomprometimento e autorrelação, há um comprometimento coletivo e um processo de inter-relação entre os participantes.

Cada participante do jogo de linguagem o interliga à sua vida, que como causador do jogo, pode exigir a cooperação dos demais cojogadores. Por isso, traz em si a responsabilidade e a corresponsabilidade no uso e na alteração das regras durante o jogo. Nesse sentido, Gebauer resgata que a dimensão da linguagem é pensada por Wittgenstein como um sistema complexo assentado sobre uma série de outras práticas. É necessário salientarmos que, assim como na metáfora das ferramentas, uma das principais fontes da falta de compreensão, segundo Wittgenstein, é ver toda uma mitologia embutida na linguagem (WITTGENSTEIN, 1996, § 422-426, 2012, § 90).

Nessa corresponsabilidade, na qual interagem os diversos jogadores, deve-se considerar os problemas éticos. Segundo Gebauer, eles foram excluídos da filosofia por Wittgenstein, pois não podem ser ditos ou discutidos por meio da própria filosofia. “No entanto com duas

exceções: *Conferência sobre Ética* e as últimas reflexões na segunda parte das *Investigações Filosóficas*” (GEBAUER, 2013, p. 172). A inspiração de Gebauer para esse tipo de argumento pode ser considerada uma leitura um pouco leviana do *Tractatus* e, com isso, uma interpretação cientificista dos tipos de proposições realmente dotadas de valor. Uma dedicada atenção para esse aspecto permite não reduzir a filosofia de Wittgenstein a certos antagonismos ou jargões neopositivistas já cunhados na história da filosofia.

O discurso do mundo é sempre o discurso de uma vontade ética, nem sempre perscrutável. Essa é a tese, por exemplo, que subjaz ao trabalho *Ética e Lógica* no *Tractatus* de Wittgenstein (BORGES, 2008, 13-15, 44-52), que propõe uma conciliação entre a análise lógica e o projeto ético de Wittgenstein. Para esclarecermos tal questão, precisamos considerar a *Conferência sobre ética*, de 1929, na qual Wittgenstein expõe suas principais ideias sobre aquilo que a ética não é:

Meu único propósito, e creio que o de todos aqueles que trataram alguma vez de escrever ou falar de ética ou religião, é arremeter contra os limites da linguagem. Este arremeter contra as paredes de nossa gaiola é perfeita e absolutamente desesperador. A ética, na medida em que surge do desejo de dizer algo sobre o sentido último da vida, sobre o absolutamente bom, o absolutamente valioso, não pode ser uma ciência (WITTGENSTEIN, 1989, p. 43).

A admissão de um olhar sobre a ética, nas *Investigações*, mostra que os jogos de linguagem acontecem no cotidiano da vida, onde se determinam as regras em que jogadores e cojogadores participam de um acontecimento, no qual os desconcertos e os desassossegos provocam fortes sensações e reações de comportamento. Nessa práxis, não se pode passar sem a reflexão ética, pois o jogo exige corresponsabilidade dos envolvidos. Sendo assim, é no contexto de comprometimento e autorrelação que a filosofia pode levantar exigências éticas. É com o que concorda Gebauer:

A expressão linguística de sua autorrelação é o lugar em que a filosofia pode levantar exigências éticas [...]. Inúmeras observações do Wittgenstein

da última fase criativa tratam de uma eticalização do falar de si mesmo. Uma atitude ética exigida onde há de fora um ponto cego para a compreensão do jogo de linguagem. Quem toma a liberdade com essa situação comporta-se, segundo o julgamento de Wittgenstein, desonestamente e, com isso, é eticamente reprovável (GEBAUER, 2013, p. 173).

Creemos que ao reafirmar a dimensão da ética, inerente ao ser humano no que tange às suas interações e inter-relações, Gebauer está apontando para um comprometimento com o desenvolvimento de uma nova leitura sobre o pensamento de Wittgenstein. Por isso, a dedicação dispensada por Gebauer ao tema, especialmente nos últimos dois capítulos de sua obra, é reveladora. Longe de retornar a lugares comuns, seus aportes inscrevem uma novidade substancial à temática wittgensteiniana.

Referências

- GEBAUER, G. *O pensamento antropológico de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 2013.
- BORGES, V. *Ética e lógica no Tractatus de Wittgenstein*. Curitiba: Vicentina, 2008.
- PERUZZO Jr., L. *Wittgenstein: o interior numa concepção pragmática*. Curitiba: CRV, 2011.
- WITTGENSTEIN, L. *Conferencia sobre ética*. Trad. Fina Burulés. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1989. (Pensamiento contemporâneo).
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Vozes, 1996.
- WITTGENSTEIN, L. *Da certeza*. Lisboa: Edições 70, 2012.

Recebido: 10/03/2014

Received: 03/10/2014

Aprovado: 12/05/2014

Approved: 05/12/2014